

## SEXUALIDADES “(A)NORMAIS” E EDUCAÇÃO: POSSÍVEIS DIÁLOGOS

Clodoaldo Ferreira Fernandes<sup>1</sup> - [aldoff@uol.com.br](mailto:aldoff@uol.com.br)  
Ariovaldo Lopes Pereira<sup>2</sup> - [arylopes\\_br@yahoo.com](mailto:arylopes_br@yahoo.com)

### Introdução

*O importante está em desarranjar a mesmice, a monótona paisagem, para instigar diferentes formas de ver e ser visto. Inventar formas de problematizar a sólida e persistente monotonia de formas rotinizadas[...] (PIGNATELLI, 2011, p.144).*

A epígrafe acima ilustra o posicionamento que intencionamos nos caminhos investigativos os quais nos propomos seguir em nossa pesquisa de Mestrado, aqui referida. Desarranjar as mesmices não é uma tarefa fácil. No entanto, torna-se útil para materializar a nossa intenção nessa breve escrita, que se desloca em diferentes caminhos para assumir uma postura que pensa a linguagem como prática social capaz de mediar interações importantes nos contextos sociais em que nossos alunos e alunas estão inseridos. Compreendemos, também, a linguagem como elemento capaz de (re)construir sujeitos sociais que são nascidos através de práticas sociais na história, nas instituições e na cultura. Objetiva esta escrita problematizar algumas construções discursivas capazes de colocar à margem ‘outros’ que não estão no centro, são excêntricos, ‘outros’ que não são a norma, são “anormais” (FOUCAULT, 2001; 2010). Para tanto, a discussão tem como sustentação teórica os rastros discursivos foucaultianos e de seus comentadores, numa tentativa de desconstrução, propondo a agitação dos edifícios instituídos na linguagem, capazes de modelar uma norma e excluir outras sexualidades que circulam em diferentes espaços sociais. Problematizaremos, ao longo desse texto: como a linguagem pode construir sujeitos destituídos de sexualidade na sociedade e/ou no contexto escolar? Em que medida professores podem fabricar sujeitos excluídos sexualmente em suas práticas sociais?

Moita Lopes (2003) afirma que se vive na contemporaneidade um questionamento de valores e ideologias acerca da vida tradicional que são tidas como “verdades naturalizadas”. Essas verdades tornam-se perigosas, na medida em que se colocam os sujeitos num espaço limitado para exercerem sua sexualidade. Assim, parece que ‘nascer homem’ e ‘nascer mulher’ está carregado de significados previamente instituídos os quais não são questionados. E um dos ambientes eficientes para o questionamento é a escola, pois ela possibilita que saberes e discursos sejam veiculados por instâncias de poder - o professorado, o alunado e a

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás/Anápolis.

<sup>2</sup> Professor do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás/Anápolis. Professor do curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás/Anápolis. Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília. Doutor em Linguística Aplicada pela UNICAMP.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS  
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA  
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

instituição exercem esses poderes, embora essas relações possam ser legitimadas e/ou subvertidas. A escola é reconhecida pela sociedade em função da tradição que veicula (PEREIRA, 2007). Segundo Moita Lopes (2008, p.134), a escola é “uma agência importante na constituição de quem somos e seus discursos podem legitimar outros sentidos sobre quem podemos ser”. Questionar essas maneiras de ser e de estar na sociedade é de fundamental importância para nós, professores e professoras, pois possibilita que outras ‘vozes’ saiam do mutismo e da violência instituída desde há muito em práticas sociais discriminatórias.

A diversidade sexual em contextos escolares é um tema que carece ser discutido em sala de aula. No contexto contemporâneo, esses debates são necessários, tendo em vista a desestabilização dos saberes que outrora eram validados como verdades. Possibilitar novas experimentações através da linguagem para a compreensão dos sujeitos sexualmente invisíveis é uma inicial caminhada que promove um reconhecimento e uma prática educativa democrática. Neste sentido, a escola, por ser uma instituição que veicula saberes, produz e marca identidades; corporifica e fabrica sujeitos de acordo com o que o muro de fora ou a sociedade exige. No entanto, essa instituição deve ser questionada sobre as suas propostas pedagógicas capazes de instaurar, em situações formais (contexto de ensino) e informais (brincadeiras tidas como inofensivas), espaços de invisibilidade e violência. Para tanto, indaga-se de que maneira os gizes estão inscrevendo essas identidades ‘dissidentes’ em sala de aula, nas recreações e nos corredores dessa instituição.

Nossa experiência nos habilita a afirmar que através de alguns corredores e de algumas salas de aula, identidades normativas são reforçadas, sexualidades centradas numa heterossexualidade obrigatória são legitimadas e construídas a partir da (re)produção discursiva do que pode ou não ser modelo em relação às identidades sexuais. Pode-se verificar que as identidades “desviantes” (FOUCAULT, 2001) não são o modelo, o esperado, o desejado; portanto, não são referências nas escolas (LEÃO, 2009; LEÃO; RIBEIRO, 2009; LOURO, 2003; 2010; MOITA LOPES, 2003; 2008). Pelo contrário, esses sujeitos são tidos como “anormais”, indesejados e estranhos porque estão fora do centro e da referência. Quando nomeadas ou categorizadas, as identidades não normativas são colocadas nos vieses binários, em que o primeiro é sempre o superior, a categoria construída e ensinada para ser o “normal”. Já o segundo é o menor, o inferior, a categoria construída para ser “anormal”. Assim, ao se pensar em professores e professoras, alunos e alunas, sujeitos “normais” e “anormais”, vê-se que “regimes de verdade” (FOUCAULT, 2005) são construídos e institucionalizados e que discursos são capazes de destituir o discente de acessar ao seu direito básico: a educação. Assim, por exemplo, basta adentrar os portões da escola e constataremos a invisibilidade dos/as transgêneros/as nesses espaços que deveriam acolhê-los/as.

Convidamos educadores e educadoras para uma breve incursão por alguns caminhos que se entrecruzam em relação às sexualidades, ao discurso e à educação, para perceber que essa tríade está em relações imbricadas que se tornam inseparáveis, capazes de fomentar práticas discriminatórias, homofóbicas ou não, de acordo com a tônica que se defende ou se

posiciona na linguagem. Enfim, ser professor e professora nessa contemporaneidade é estar em movimento (FERNANDES; LEMES, 2012), em incessante observância aos diferentes arranjos sociais que se (des)formam e (des)constroem .

## Revisão de Literatura

A escola, sendo uma instituição importante por refletir diferentes aspectos da sociedade, ao possibilitar discussões sobre sexualidades em seu espaço, agencia o debate e promove a oportunidade de seus alunos e suas alunas serem partícipes de suas sexualidades. Neste sentido, oportuniza que diferentes identidades sejam trazidas à visibilidade e deixadas de ser violentadas por discursos heteronormativos centrados em lógicas perversas de exclusão.

A sexualidade não é um traço humano que a escola possa desligar de seus espaços como se fosse algo postiço. Como bem afirma Louro (2003), a presença da sexualidade independe dos discursos manifestos contra ou a favor, ou de como os regimentos escolares se posicionam a respeito. Ela (a sexualidade) não pode ser desligada ou despida de seus espaços, pois isso seria uma “amputação simbólica de direitos” (FERNANDES, 2012, p.6) que, não sendo respeitados, estão sendo violados. Neste sentido, ao não abrir os portões dessa instituição (a escola), nega-se o direito de exercer a cidadania; tolhem-se todas as possibilidades do sujeito alijado desse processo exercer uma profissão de prestígio social, porquanto, ao lhe ser negada a escolarização formal, é impedido que circule na escola, porque esse ‘alguém’, esse ‘outro’ não se encaixa no modelo imposto a partir de uma lógica perversa que estabelece o ‘masculino’ ou o ‘feminino’ como modelos predefinidos e estanques. Os sujeitos das sexualidades dissidentes são aqueles ‘alienígenas’ que povoam o imaginário humano. São ‘extramundanos’, transitam em corpos que são dissidentes e que subvertem as noções essencialistas do que é ser ‘masculino’ ou ‘feminino’, deslocando as identidades e usando-as de acordo com o que estão (e não são) no jogo performático e discursivo da sexualidade. Ou seja, nesse jogo performativo, as sexualidades e as identidades se deslocam, se movimentam. Nada é fixo, uno e coerente nessas relações, e isso possibilita as fragmentações e as crises de identidades (HALL, 2011).

Para Costa (2007), tudo que possa existir entre o céu e a terra são ‘outros’, incompletos, exóticos e que precisam de controle, governo e correção por não estarem de acordo com o esquadro ou a norma<sup>3</sup>. Embora a pesquisadora não discuta a questão da

<sup>3</sup> Para Canguilhem (2012, p.79), a norma é o esquadro na medida em que é “[...] aquilo que não se inclina nem para a direita nem para a esquerda, portanto, o que se conserva em um justo meio-termo; [...] é normal aquilo que é como deve ser [...]”. Ou seja, nessa compreensão, a norma ou o esquadro é o modelo que se institui a partir de um dado legitimado e aceito. A norma integra tudo aquilo que pode ser ou que desejaria ser, sem se exceder, não sendo questionada por estar naturalizada nas práticas sociais cultura, histórica e institucionalmente.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS  
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA  
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

dissidência sexual, queremos afirmar com ela que os ‘outros’, alunos e alunas podem ser incompletos e exóticos em contextos escolares que valorizam situações de reconhecimento da prática compulsória da heterossexualidade.

Portanto, compreendemos que as sexualidades dissidentes passam a ser controladas na medida em que não estão de acordo com uma lógica que privilegia a normalização. Nesse sentido, normalizar é trazer os outros para a minha serventia, é

instituir a linguagem que lhes permitirá entenderem-se e formar sociedade. Aliás, a acto essencial da normalização é provocar o acordo acerca desse código, fazer com que se torne comum a todos, como o que isso subentende do ponto de vista das maneiras de pensar e dos valores. [...] **A normalização é uma maneira de organizar esta solidariedade que faz de cada indivíduo o espelho e a medida do outro** (EWALD, 1993, p. 103-104, grifo nosso).

Controlar, governar e suprir, é a norma vigente nas instituições que não reconhecem a diversidade sexual. Usar uma linguagem comum é colocar um modelo, um padrão a ser seguido, é instituir quem é o “normal” e quem é o “anormal”, o espelho e a medida do outro. Consequentemente, “A *norma* nega, suprime as identidades incômodas, as identidades deficientes, incompletas, patológicas e negativas, em que corpos deficientes se encontram” (THOMA, 2002, p.66). Ou seja, pensar a linguagem como produtora de diferentes práticas sociais torna-se relevante porque diferentes discursos posicionam diferentes “sujeitos sociais”, na medida em que “os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22). Assim, fabricar identidades unas, fixas (numa tentativa inútil), estáveis e coerentes é uma investida de esquadrar as sexualidades concertando-as, tornando-as ‘retas’. No entanto, como assevera Hall (2011), as identidades estão deslocadas, fragmentadas e em colapso, impossibilitadas de serem (re)construídas. Isso nos leva a pensar que é impossível construir sexualidades únicas.

## Metodologia

A investigação de que trata este artigo, ora em andamento, é conduzida por meio de uma pesquisa qualitativa/interpretativista de cunho etnográfico. Quanto à metodologia, a pesquisa tem como técnica o grupo focal (GF), que “são grupos de discussão que dialogam sobre um tema em particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate” (RESSEL, 2008, p. 779). As etapas de pesquisa são duas: a primeira, de aspecto bibliográfico, tem como intuito levantar trabalhos relacionados com a temática da sexualidade, educação e discurso; a segunda tem como foco o trabalho de campo de caráter interpretativista utilizando instrumentos qualitativos de pesquisa. São empregados os seguintes instrumentos de pesquisa para coleta de dados:

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS  
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA  
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

- a) diário de campo (anotações feitas pelo pesquisador);
- b) problematizações (gravadas em áudio) elicitadas em grupos focais;
- c) observação de aulas após os encontros dos grupos focais.

O trabalho de campo inclui um grupo de professores de uma escola pública que lecionam na educação básica, os quais integram os grupos focais. O tempo de pesquisa de campo é de um mês e as observações em sala de aula, ao final dos encontros dos GF, são de no mínimo dez.

### Conclusão

A escola é o campo em que saberes, narrativas, lutas são contadas e promovidas a partir de um lugar social privilegiado. Desestabilizar esses saberes, essas narrativas e lutas são propostas importantes, porque possibilita que outras histórias sejam (re)contadas. Dessa maneira, vivemos momentos, na contemporaneidade, em que as ‘verdades’ ditas devem ser questionadas, pois, essas ‘verdades’ nascem a partir de interesses excludentes e, na maioria das vezes, os destituídos sociais não se apropriam delas. As verdades são sociais, históricas e culturais e, sendo assim, devem estar em constantes questionamentos.

Sepultemos de vez esse sujeito centrado, essencial que o ranço do Iluminismo ainda teima em defender e (re)criar na sociedade. O sujeito uno, fixo, coerente e estável não existe mais, se é que um dia realmente existiu. Intencionar a hierarquização das identidades, capazes de colocar o ‘eu’ em lugar de privilégio e o ‘outro’ em lugar de descrédito é uma tarefa ineficiente que deve ser posta em questão. Para isso, devemos reconhecer como prática social e intelectual, a dúvida e as certezas dos modelos instituídos. Busquemos o diálogo e outros caminhos investigativos capazes de não nos dar segurança (pode ser perigosa a sua via), para promover novas experimentações e compreensões acerca do sujeito ‘pós-moderno’, afinal, o diálogo é o caminho para subverter os discursos hegemônicos e as velhas identidades que são tidas como referências privilegiadas da normalidade (COSTA, 2007).

### Referências

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. 7. ed. Tradução Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

COSTA, M. V. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. In: COSTA, M. V. (Org.) *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 91-115.

EWALD, François. *Foucault, a norma e o direito*. Lisboa: Veja, 1993.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica J. A. Guilhon Albuquerque. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. v. 1

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. *Os Anormais: curso no Collège de France*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERNANDES, C. F. *As maneiras (im)postas de ser na contemporaneidade: sexualidades 'desviantes' no contexto escolar*. Diário da Manhã/opinião pública, Goiânia- Goiás, p. 08, 15 jun. 2012. ISSN: 1414-6215.

\_\_\_\_\_.; LEMES, H. C. D.S. *Sexualidade(s) em trânsito na formação de professores: uma possível reflexão no currículo*. Camine: Caminhos da educação. Franca: UNESP. v.4. nº 2.2012. Disponível em: <<http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/647/663>>. Acesso em: 05 fev.2013.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LEÃO, A. M. C. *Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP de Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos*. 2009a. 350f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009.

\_\_\_\_\_.; RIBEIRO, P. R. M. *A presença/ausência das temáticas Sexualidade e gênero em um curso de Pedagogia*. Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades- Universidade Estadual da Bahia. 2009. Disponível em: <<http://www.ses.uneb.br/anais/A%20PRESEN%20C3%87A%20AUS%20C3%8ANCIA%20DA%20TEM%20C3%81TICAS%20SEXUALIDADE%20E%20G%20C3%8ANERO%20EM%20UM.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2013.

LOURO, G. L. *Corpo, gênero, sexualidade e educação: um debate contemporâneo na educação*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MOITA LOPES, L. P. *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS  
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA  
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

\_\_\_\_\_. Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Org.) *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 125-148.

PEREIRA, A. L. *Representações de gênero em livros didáticos de língua estrangeira: reflexos em discursos de sala de aula e relação com discursos gendrados que circulam na sociedade*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)- Universidade Estadual de Campinas, 2007.

PIGNATELLI, F. Que posso fazer? Foucault e a questão da liberdade e da agência docente In: SILVA, T. T. (Org.). *O Sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 127-154.

RESSEL, et.al. *O uso do grupo focal em pesquisas qualitativas*. Florianópolis: 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/21.pdf>. Acesso em: 03 jun.2012.

THOMA, A. S. *O cinema e a flutuação das representações surdas “Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva...”*. 2002. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.